



A PESSOA EM CRISE SUICIDA DÁ SINAIS? Reflexões a partir da série “os 13 porquês”

DOI: 10.22289/2446-922X.V10N1A25

Sylvia da Silveira Nunes ¹

RESUMO

Quando um suicídio ou uma tentativa de suicídio acontece, muitas pessoas se perguntam se algum sinal foi negligenciado. Todas as pessoas que entram em crise suicida dão sinais? Que sinais seriam esses? O presente artigo aborda essa questão por meio de uma análise da série “Os 13 porquês” que trata vários temas polêmicos, dentre eles as justificativas para o suicídio da jovem Hannah. A partir da série é possível identificar sinais que alguém está em crise suicida? Essa série é uma forma de prevenção do suicídio? Ou, ao contrário, pode até estimulá-lo? Por meio da análise de cenas e diálogos da série à luz da psicologia junguiana e outras referências em suicidologia, apresentamos reflexões pertinentes ao tema. Nossa análise permite concluir que a série possibilitou reflexões aprofundadas sobre a temática do suicídio sob vários aspectos, incluindo a questão dos sinais, que costumam fazer sentido após a tentativa e não antes. No entanto, seu formato pode também trazer a romantização do suicídio, bem como ser um estímulo para algum/a espectador/a em crise suicida.

409

Palavras-chave: Suicídio; Ideação Suicida; Tentativa De Suicídio.

DOES PEOPLE IN A SUICIDAL CRISIS SHOW SIGNS? Reflections from the series “the 13 whys”

ABSTRACT

When a suicide or attempted suicide happens, many people wonder if any signs of the crisis were overlooked. Do all people who go into a suicidal crisis show signs? What signs would those be? This article addresses this issue through an analysis of the series “The 13 Whys” which deals with several controversial topics, including the justifications for young Hannah's suicide. From the series, is it possible to identify signs that someone is in a suicidal crisis? Is this series a form of suicide prevention? Or, on the contrary, can it even stimulate it? Through the analysis of scenes and dialogues from the series in the light of Jungian psychology and other references in suicidology, we present reflections relevant to the topic. Our analysis allows us to conclude that the series enabled in-depth reflections on the topic of suicide from several aspects, including the issue of signs, which usually make sense after the attempt. However, its format can also bring the romanticization of suicide, as well as being a stimulus for some spectator in a suicidal crisis.

Keywords: Suicide; Suicidal Ideation; Suicide Attempt.

¹ Endereço eletrônico de contato: sylvia.nunes@unifal-mg.edu.br

Recebido em 09/02/2024. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 09/04/2024.

MUESTRAN SIGNOS LAS PERSONAS EN UNA CRISIS SUICIDAL? Reflexiones de la serie “los 13 porqués”

RESUMEN

Cuando ocurre un suicidio o un intento de suicidio, muchas personas se preguntan si se pasó por alto algún signo de la crisis. ¿Todas las personas que entran en una crisis suicida muestran signos? ¿Qué señales serían esas? Este artículo aborda esta cuestión a través de un análisis de la serie “Los 13 porqués” que aborda varios temas controvertidos, entre ellos las justificaciones del suicidio de la joven Hannah. ¿Es posible identificar a partir de la serie señales de que alguien está en una crisis suicida? ¿Es esta serie una forma de prevención del suicidio? ¿O por el contrario puede incluso estimularlo? A través del análisis de escenas y diálogos de la serie a la luz de la psicología junguiana y otros referentes de la suicidología, presentamos reflexiones relevantes al tema. Nuestro análisis permite concluir que la serie permitió reflexionar en profundidad sobre el tema del suicidio desde varios aspectos, incluida la cuestión de los signos, que suelen tener sentido después del intento. Sin embargo, su formato también puede traer la romantización del suicidio, además de ser un estímulo para algún espectador en una crisis suicida.

Palabras clave: Suicidio; Ideación Suicida; Intento De Suicidio.

1 INTRODUÇÃO

A temática do suicídio é complexa e, muitas vezes, abordada no plural suicídios pela abrangência de temas que envolvem o ato suicida e seus aspectos preventivos.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2019) cerca de 800 mil pessoas se matam por ano, o que significa uma morte a cada 40 segundos. No Brasil, os dados mais recentes registram cerca de 14 mil mortes anuais por suicídio (BRASIL, 2022).

Cada morte por suicídio deixa várias pessoas impactadas direta e indiretamente. A quantidade de pessoas afetadas por um suicídio varia conforme o momento histórico e cultural de cada país. Mas de modo geral, De Leo (2012) – professor colaborador da Organização Mundial de Saúde (OMS) para Pesquisa e Formação de Prevenção em Suicídio – afirma que há cerca de 5 a 6 pessoas profundamente afetadas por uma morte auto infringida. Se pensarmos em cerca de 800 mil mortes por ano, então, temos quase 5 milhões de pessoas impactadas pelo suicídio anualmente (De Leo, 2012).

Em seu sentido amplo, prevenir a morte por auto aniquilamento diz respeito a toda e qualquer ação que melhore as condições de vida humana (Botega, 2015; Cassorla, 2017). Mas, especificamente, podemos considerar prevenção também as intervenções mais pontuais como: campanhas que informam e propiciam o diálogo sobre o tema; divulgação de casos e da temática de modo responsável pela mídia; redução do acesso aos meios letais; investimento em saúde



mental, de modo geral; apoio às/aos pessoas enlutadas e/ou sobreviventes do suicídio, dentre outras possibilidades que podem ser criadas a partir de cada realidade na qual o suicídio se insere.

Nossas concepções de morte e suicídio partem das reflexões trazidas por Carl G. Jung (1946/1991) e James Hillman (1964/2016), na qual a morte é vista como o oposto estruturante da própria vida, sem a qual a busca de sentido não se faz possível. Em todas as circunstâncias da vida, a certeza do fim é extremamente necessária para se viver o começo e o recomeço.

Porém, se vivemos em uma sociedade em que a morte é um tabu, temos dificuldades de vivenciar o potencial transformador da morte. Para Jung (1946/1991), começo e fim são pontos inevitáveis e de difícil delimitação, em todo e qualquer processo psíquico. Assim, o suicídio é um impulso de transformação, uma vez que o desejo de morrer, na perspectiva junguiana, está relacionado com profundos significados simbólicos. O que uma pessoa em crise suicida quer matar dentro de si? Na sua vida, ao seu redor, no seu passado, nos seus pensamentos e/ou sentimentos? É inegável que há um desejo de matar uma vida falsa que não condiz com a sua alma e permitir que outra surja no lugar.

Assim, se a pessoa em ideação suicida puder vivenciar as transformações que simbolicamente está buscando com a morte do corpo, esse desejo de auto aniquilamento pode se transformar.

Tendo isso em vista, analisaremos o conteúdo de uma série que aborda diretamente o tema: “Os 13 porquês” (Yorkey, 2017). A série foi produzida e vinculada pela plataforma de streaming Netflix.

A série é baseada em livro homônimo (Asher, 2009) que conta a história de uma jovem, chamada Hannah Baker, estudante do ensino médio nos Estados Unidos que se suicida e deixa 13 fitas cassetes, cada uma delas direcionadas para uma pessoa da sua escola (12 são estudantes também e o último é o conselheiro da escola). As fitas narram os motivos de sua decisão de tirar a própria vida, focando para uma ou mais situações vividas com a pessoa cuja gravação é dedicada. A série tem quatro temporadas, lançadas anualmente a partir de 2017. Nosso foco é analisar as duas primeiras temporadas, em que a questão do suicídio é uma temática central.

Vale ressaltar que o suicídio é uma mensagem, um gesto de comunicação (Marquetti, 2014), então, escutar o que essas pessoas queriam comunicar pode trazer muitos elementos para a compreensão do ato suicida, bem como pode instrumentalizar melhor os programas de prevenção do suicídio.

No entanto, a série “Os 13 porquês” faz isso de uma forma problemática já que o suicídio já foi consumado e essa informação está na sinopse. No caso da série, ela pode ajudar a compreender o suicídio e auxiliar jovens espectadores/as que se identificam com os personagens a lidar com a ideação suicida de uma forma diferente? As pessoas em crise suicida dão sinais? O objetivo do presente artigo é responder essas questões por meio de uma análise de cenas e diálogos da série à luz da psicologia junguiana e outras referências em suicidologia. Para tal, focaremos no caminho

de Hannah até o suicídio, discutindo também outras questões trazidas pela série tais como bullying e depressão.

2 A série “Os 13 porquês”

A 1ª temporada se aproxima bastante do livro com uma diferença importante: no livro, o personagem principal Clay Jensen, que está na 11ª fita, escuta todas as fitas de uma vez, sem interrupção, sem intervenções e sem diálogo com as outras pessoas indicadas nas fitas. Diferente do livro, em que não há acesso aos demais personagens, na série, é possível ver que a estratégia das fitas funciona como uma forma de Hannah ser ouvida por pessoas que a desprezaram. Não seria essa uma forma de romantização do suicídio? Gravar as fitas envolveu a fantasia de como a morte e o conteúdo das fitas poderiam impactar aqueles/as que magoaram, humilharam e violentaram Hannah ou se omitiram diante do *bullying* que ela viveu. Essa romantização poderia funcionar como ‘gatilho’¹ para o suicídio.

Já a 2ª temporada não tem nenhum embasamento no livro e gira em torno do processo judicial que os pais de Hannah movem contra a escola sob a acusação de que práticas de *bullying* na instituição que teriam levado Hannah a se matar.

Vale ressaltar que o presente artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla denominada “A série ‘Os 13 porquês’ favorece a prevenção do suicídio?”, a qual foi dividida em duas partes: 1) análise do conteúdo da série; 2) pesquisa quantitativa (Moraes et al., 2022) e qualitativa (Nunes et al., 2022) sobre a opinião de estudantes universitários/as sobre a série. O debate aqui traz parte das reflexões e estudos realizados na primeira etapa da pesquisa.

412

As frases que iremos citar foram transcritas da dublagem em português da série. E, obviamente, há o limite da falta de todo o contexto midiático em que elas foram produzidas. Assim, o impacto da série como uma experiência estética, não só racional, não pode se reduzir às frases selecionadas. No entanto, entendemos que as frases podem exemplificar o caminho reflexivo que escolhemos para pensar a temática do suicídio a partir da série. Além disso, os personagens e contextos serão apresentados para que a reflexão sobre a série seja compreensível para aqueles/as que não a assistiram ou não se recordam dos detalhes.

¹ Utilizamos “gatilho” como uma metáfora para falar de fatores e situações precipitantes da ideação ou do ato suicida.

3 Caminho de Hannah até o suicídio: sinais?

É possível notar na construção das cenas da 1ª temporada da série um caminho trilhado por Hannah até a efetivação do suicídio. No começo da série, a ironia presente na voz dela bem como a forma como ela planejou que as pessoas escutariam as fitas demonstram o poder que a morte lhe dá. Há regras a serem seguidas para escutar as fitas e passá-las para frente. Ela avisa aos/às ouvintes que estão sendo observados/as e os/as ameaça, dizendo que se alguém não seguir as regras, uma pessoa que não está nas fitas, mas que tem uma cópia delas (Tony) irá denunciá-los/as. Quando avisa aos/às acusados/as das fitas que estão sendo observados/as, ela diz: “*Não foi uma decisão espontânea. Não me desvalorize. De novo*”. Essa possibilidade de falar e obrigar as pessoas a escutá-la dá a Hannah o poder que ela não teve em vida. O “bilhete suicida” expresso nas fitas recupera o que não foi possível antes da morte. Nesse ponto, há claramente o risco de romantização do suicídio.

Vale lembrar que entre a intenção de se matar e a efetivação do ato, é comum as pessoas passarem por algumas fases: ideias de morte, ideias de suicídio, planos de como se matar, pesquisa sobre o poder letal do método escolhido, providências pós-morte (Botega, 2015). Na série, uma cena exemplifica essa última fase: Hannah doa sua bicicleta para o amigo Tony, pouco antes de se matar. Ao longo da primeira temporada, os relatos de Hannah nas fitas e as cenas que vão aparecendo para contextualizá-los mostra a busca por uma narrativa que pudesse reconstruir o seu sofrimento. Mas como essa narrativa não foi dialogada, ela não pode cumprir seu papel de ressignificar a dor.

Muitas das situações narradas por Hannah envolvem cenas complexas e intrincadas de *bullying* e *cyberbullying* - tais como fotos que circularam pela rede reforçando boatos sobre ela. Então, juntamente com as fitas, ela deixa um mapa em que estão marcados os lugares que fizeram parte das cenas que ela está narrando. E ela justifica a escolha de não usar algo mais atual como o *google maps*: “*Sem chance da internet piorar tudo, como sempre faz*”.

O *bullying* tem sido definido como a hostilidade, intencional e com frequência, voltada a um estudante ou a um grupo, podendo gerar consequências psíquicas naquele que o sofre, desde uma angústia acentuada até o assassinato e o suicídio (Williams, 2009).

Em relação à temática do *bullying*, vale lembrar que vários/as autores/as (Antunes; & Zuin, 2008; Freire et al., 2006; Grossi & Santos, 2009; Peña et al., 2013; Fuentes et al., 2020) relacionam a vivência do *bullying* como vítima e a tentativa de suicídio. Mayol e Rodriguez (2011) relataram uma pesquisa realizada com 5614 estudantes do ensino médio na Grécia, entre 16 e 18 anos, sobre a relação entre ideação suicida e ter sofrido *bullying*. Os resultados mostraram que entre aqueles/as que sofreram *bullying*, o pensamento de se matar é 8 vezes maior em comparação com aqueles/as que não sofreram *bullying*.



Aqui no Brasil, Veloso et al. (2019) apresentaram um estudo em que foi levantado os fatores associados à ideação suicida em 142 estudantes universitários/as da área de saúde de uma universidade pública de Terezina: 22% desses/as estudantes têm ideação suicida. Dentre esses/as, foi notado que ter sido vítima de *bullying* aumenta em quase 10 vezes mais a ideação suicida.

No entanto, como já dito, a série “Os 13 porquês” não traz apenas cenas e situações de *bullying*, mas também *cyberbullying*. Segundo Ferreira e Deslandes (2018) ainda não há consenso na literatura científica sobre o conceito de *cyberbullying*. Mas há uma comparação entre os/as estudiosos/as em relação às diferenças com o *bullying*, quais sejam: o *cyberbullying* pode ocorrer a qualquer momento, e de forma universal, sem um limite físico-geográfico, pois as postagens podem ir e vir e terem um tempo de permanência indeterminado, uma vez que o ambiente em que ele acontece é virtual. Pode ser expresso por mensagens de texto, vídeos, áudios ou fotos, e tem como o objetivo causar dano a outra pessoa de forma sistemática.

Para Wendt e Lisboa (2013) é justamente essa não delimitação da ocorrência do *cyberbullying* que o faz um fenômeno ainda mais violento e arrasador que o *bullying*, pois a vítima não encontra um “lugar seguro”. A qualquer momento, uma foto ou vídeo ou texto pode aparecer novamente no seu celular ou outro meio eletrônico. Ou, caso ela não esteja utilizando esses meios, essas mensagens podem ser enviadas para seus/uas amigos/as e colegas, familiares.

Se a correlação entre *bullying* e suicídio já era evidente, o *cyberbullying* que é um fenômeno ainda mais forte e violento também é um sério fator de risco para uma tentativa de suicídio, tal como já apontaram alguns autores/as (Botega, 2018; Kuczynski, 2014; Silva et al, 2017).

Apesar de todo o estrago que o *cyberbullying* pode causar, vale lembrar que atualmente é possível solicitar a retirada de uma postagem, vídeo ou foto, das principais redes sociais, após averiguação das devidas plataformas. Além disso, a recente lei 14.811/2024 inclui *bullying* e *cyberbullying* no código penal brasileiro, configurando a prática como crime hediondo no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Voltando à série, Hannah é alegre no começo da sua narrativa. Mas diante das dificuldades que vai vivendo, ela é chamada, em vários momentos, de dramática, por vários estudantes e também por sua mãe - o que mostra a complexidade dessa escuta do que a Hannah tem a dizer em vida. A incompreensão do que ela está vivendo juntamente com sua dificuldade de se expressar com mais profundidade evidenciam aquilo que Hillman (1964/2016, p.24) anuncia em uma simples frase: “É na vida que surge o suicídio”. Ou seja, o desejo de se matar vem das situações angustiantes da vida.

Quando o sujeito vai vivendo sem encontrar sentido para as angústias, o sofrimento pode se acumular de tal forma que a morte parece ser a única solução. Viktor Frankl (1946/2021) também aborda esse dilema ao longo do seu relato de sobrevivente em um campo de concentração, em que muitas pessoas escolheram desistir da vida, diante de tanto sofrimento. Muitas vezes, pessoas depressivas ou em ideação suicida (que são duas situações não necessariamente coincidentes)



afirmam se sentirem mortas em vida. Daí, optar pelo autoaniquilamento significa se integrar com essa parte de si mesmo que já está morta, destruindo o que ainda tem vida (Kuczynski, 2014). Porém, o que Frankl (1946/2021) mostra ao longo da obra é que encontrar sentido nas situações mais difíceis da vida é capaz de dar à pessoa a possibilidade de não desistir da vida (Vaz & Dias, 2019).

Mas, Hannah, além de não encontrar sentido em todas as dificuldades que está vivendo, tem um agravante no sentimento de culpa indevida por causa de um acidente que acontece após a festa em que ela testemunhou um estupro. Ela estava indo embora de carona com a estudante Sheri (que está na fita 10) e elas acabam se envolvendo em um pequeno acidente que faz uma placa de “Pare” em uma esquina cair. Hannah quer ligar para a polícia imediatamente. Sheri se recusa a se responsabilizar pela queda da placa e vai embora. Mas Hannah se esforça para fazê-lo. Antes dela chegar a algum lugar para ligar para a polícia, acontece um acidente que leva Jeff (um dos estudantes que estava na festa) à morte. Hannah sente culpa por não ter falado disso com ninguém, porque as pessoas ficaram achando que ele se acidentou porque estava alcoolizado.

No entanto, quando ela tenta conversar com Sheri, na escola, sobre o ocorrido e diz a importância das pessoas saberem do acidente delas que provocou o acidente com morte de Jeff, Sheri exige silêncio e a ameaça. É nesse contexto, no 10º episódio da 1ª temporada que ela diz: *“Tem tanta coisa errada no mundo, tem tantas mágoas. Não aguentava saber que tinha piorado as coisas. Não aguentava saber que ia ficar pior”*. A questão da desesperança, juntamente com o desespero e a depressão são apontadas por Botega (2015) como elementos que podem compor o risco de uma crise suicida. É possível dizer que Hannah estava vivendo um quadro depressivo não identificado?

O psiquiatra Neury Botega (2018), no livro “A tristeza transforma, a depressão paralisa”, afirma que em relação à depressão e suicídio na adolescência, vários desafios comuns a essa etapa do desenvolvimento humano: encontrar um lugar social diferente da infância, lidar com relacionamentos interpessoais e afetivo-sexuais, trabalho futuro, estudos, sonhos etc. E lembra que:

Entre os estresses que os adolescentes enfrentam, os mais comuns são: término de relacionamentos, situações que provocam vergonha ou humilhação, rejeição pelo grupo social, fracasso escolar e perda de um ente querido. Esses acontecimentos podem funcionar como desencadeantes de tentativas de suicídio, como também de suicídio. Uma tentativa de suicídio, muitas vezes, não objetiva a morte. Ela traz uma mensagem: eu não aguento mais essa situação. Não consigo transformar meu sofrimento em palavras e ações construtivas (BOTEGA, 2018, p.184, grifos nossos).

De fato, todas essas situações estavam sendo vividas por Hannah. Mas a série não nos permite “fechar” um diagnóstico de depressão para ela, porém, alguns pontos, analisados

conjuntamente, podem ser indicativos de que ela estava em sofrimento: corte de cabelo, isolamento, queda nas notas escolares, mudanças de atitude. Para além disso, a série mostra também como os vínculos de Hannah estavam frágeis e não foram suficientes para ajudá-la a dialogar com a dor de uma forma diferente que não fosse o desejo de morte.

É nesse sentido que Coutinho (2010, p.61), pelo viés da psicanálise lacaniana, apresenta um paradoxo sobre o significado do ato suicida: “(...) o suicídio é ruptura do laço social ou tentativa final desesperada de consegui-lo?”. Essa pergunta indica a profundidade da relação entre laços ou vínculos que estabelecemos e o desejo de rompimento com a vida.

No 10º episódio da 1ª temporada, Clay pergunta a Tony: “*Eu matei a Hannah?*” e ele responde: “*Todos deixamos ela sozinha. Todos deixamos ela mal*”. A reflexão que fazemos sobre a qualidade dos vínculos ou laços sociais e o suicídio não está desvinculada das condições sociais. Durkheim (1897/2011, p.4), há mais de um século, já anunciou: “Ora, o suicídio, na situação em que se encontra hoje, é justamente uma das formas pelas quais se traduz a doença coletiva de que sofremos; por isso ele nos ajudará a compreendê-la”.

Também Moretto et al. (2017), pelo viés da teoria crítica, refletem nessa conexão entre decisão individual pelo suicídio e condições objetivas de vida, ao comentarem sobre as mortes por suicídio a partir do polêmico jogo Baleia Azul. O jogo chamou a atenção dos noticiários brasileiros em 2017 por se tratar de uma série de desafios que envolviam isolamento social, autolesão, entre outras atividades que finalizavam com o suicídio das vítimas. Entre 2018 e 2019, outro jogo semelhante, chamado Boneca Momo também teve o mesmo impacto (Negreiros; Alencar, 2021). Esse tipo de suicídio induzido não deixa de ser também um suicídio social, uma vez que estimulado pelo individualismo e pela competitividade (Moretto et al., 2017).

Assim, refletir sobre o suicídio, é também refletir sobre os determinantes sociais que facilitam a produção de subjetividades com maiores dificuldades de elaboração do sofrimento, justamente pela fragilidade dos vínculos e facilidade do isolamento no mundo atual. Os/as autores/as acima citados/as também analisaram a série “Os 13 porquês” e concluem: “Na série, a morte é, para Hannah, a solução que dá fim a uma vida já desgastada pela impossibilidade da experiência, emudecida pela carência de uma comunidade de ouvintes, na qual a esperança ruiu (...)” (Moretto et al., 2017, p.160)

Essa impossibilidade da experiência citada diz respeito ao conceito de Walter Benjamin (1936/1989), como aquilo que forma, marca e deixa lembranças, contrariamente ao conceito de vivência, que embora se relacione a fatos e situações vividos por alguém, não permite uma experiência formadora, por ser excessivamente superficial. Nesse sentido, a desesperança sentida por Hannah não pôde ser comunicada, pela superficialidade e fragilidade dos seus vínculos, como na fita ouvida no 11º episódio, em que ela diz que queria contar tudo para o Clay, mas que... “*Parecia que não importava o que eu dissesse, continuava desapontando as pessoas*”.



Essas dificuldades de relacionamento e comunicação trazem, muitas vezes, a sensação de falta de controle da vida. Assim, a decisão pelo suicídio assume também uma forma de autopreservação e tentativa desesperada de ter controle novamente: “*Decidi que nunca mais ninguém iria me machucar de novo*”. Não querendo ser machucada por mais ninguém, Hannah decide por se machucar mortalmente. Aqui podemos ver o desejo de agressão ser introjetado como autoagressão.

Macedo e Werlang (2007, p.100), pelo viés da psicanálise, analisam a relação entre trauma, dor psíquica e tentativa de suicídio por meio de um caso clínico (chamado por elas de Gerusa) e afirmam:

As vivências de maus-tratos e violência deixam à Gerusa um modelo de dor que fica se repetindo num circuito em que ora é ativa ora é passiva. Corta seus cabelos (ato dirigido contra si mesma) no “protesto” contra todos os cortes que recebe do pai, tentando desviar a hostilidade que teria a figura paterna como alvo.

É possível perceber por esse caminho interpretativo que a violência contra si mesmo expressa no auto aniquilamento é, muitas vezes, a repetição da violência. Como se o/a tentante dissesse a si mesmo/a: Não é o outro mais que vai me machucar, agora só eu posso fazer isso.

Além disso, é importante ressaltar que tanto as situações de *bullying* como o estupro que Hannah viveu (bem como outras situações) podem se configurar como trauma, no sentido atribuído pela psicanálise. Macedo e Werlang (2007, p.91-2) relacionam a vivência traumática com a busca pelo suicídio, como sendo expressas por:

(...) algumas situações de tentativas de suicídio resultantes de contextos nos quais o sujeito se vê acometido por um excesso (trauma) que seu aparelho psíquico mostra-se incapaz de processar e metabolizar. O material clínico apresentado ilustra situações que viabilizam pensar a tentativa de suicídio como um ato resultante da vivência e da experimentação de intensa dor psíquica. Nessa situação, o ato de matar-se parece ser a única via de descarga possível.

O trauma pode despertar uma série de sentimentos opostos, de modo a configurar, em alguns momentos uma ambivalência, expressa no conflito intenso entre o desejo de morrer e o de viver uma vida diferente.

Pouco tempo antes da decisão pela morte, essa ambivalência já está menor (porque Hannah está cada vez mais decidida a morrer) e faz uma última tentativa: vai pedir ajuda ao conselheiro da escola, Porter. Essa narração é a única direcionada para um adulto. As frases de Hannah para Porter denunciam o vazio existencial que ela está vivendo. Ela diz: “*Não me importo com nada...*”



Sinto um vazio... É como se não importasse o que o senhor diz. Preciso que tudo pare... as pessoas, a vida..."

É claro que os chamados “sinais”, muitas vezes, só fazem sentido após uma tentativa ou uma morte por suicídio, mas de fato, há algumas frases que, se não anunciam diretamente o pensamento suicida, indicam claramente um sofrimento intenso. Botega (2018), em sua obra sobre depressão supracitada, coloca uma série de frases dos seus pacientes que podem indicar um quadro depressivo, elas falam de estranheza de si (*Me sinto oco, fui comido por cupim*), mudança nos afetos e nos prazeres (*Não me animo mais com as coisas*), inibição e bloqueio (*Me sinto amarrada, não consigo fazer nada*), sofrimento no corpo (*Já acordo cansado, a pata de um elefante afundando meu peito*), negativismo (*A roupa bonita que vi na vitrine, parece que ela não é para mim*), comportamento inusitado (*Procuro desculpas para não sair, não quero ver gente*).

Embora só tenhamos citado algumas frases e sem os seus devidos contextos que são explicados no livro, é interessante notar a diferença entre a honestidade nas frases que expressam confiança na relação com o psiquiatra e as frases reticentes de Hannah, pois essa confiança não foi possível, uma vez que Porter não conseguiu escutá-la.

Após a conversa com o conselheiro, ela sai da escola e está totalmente decidida a se matar, encontra com a mãe na farmácia dos pais para pegar uma gilete e a mãe diz para ela: “*Você está radiante*”. Essa estranha calma presente em momentos antes da decisão pela efetivação do suicídio já foi expressa por Goethe em “Os sofrimentos do jovem Werther”¹, antes de sua morte por suicídio: “*Tudo está tão quieto ao meu redor, e tão tranquila minh’alma. Sou-Vos grato, Deus, que me presenteias, nesses últimos momentos com esse calor, essa força*” (Goethe, 1774/2014, p. 132).

A tranquilidade pré-tentativa de suicídio comentada por alguns/as autores/as (Coutinho, 2010; Fukumitsu et al., 2015; Hillman, 1964/2016,) esboça o nível de sofrimento que o/a tentante está vivendo. Se a alternativa pela morte autoinflingida é vivida com angústia durante o percurso que a pessoa em ideação suicida faz até o ato suicida, justamente por abrigar um conflito entre desejo de viver e desejo de morrer, a decisão pela morte, justamente com a suposta tranquilidade que viria com a morte é o que alimenta essa calma².

¹ A partir desta obra de Goethe, Philips (1974) criou o termo “Efeito Werther” para nomear a influência que um suicídio na literatura (ou outra produção cultural) pode ter estimulando outras pessoas a imitar o gesto suicida. Até hoje este termo é utilizado para nomear a influência de qualquer produção cultural, obra midiática ou forma de noticiar uma morte por suicídio pode ter no ato suicida.

² Em 25 de maio de 2017, cerca de dois meses após o lançamento da 1ª temporada da série “Os 13 porquês”, eu e mais duas docentes da Unifal realizamos um debate intitulado: “Vamos falar sobre 13 Reasons Why?” na universidade, por notarmos os comentários constantes dos/as estudantes universitários/as sobre a série. Mais de 100 estudantes participaram do debate - número expressivo considerando a média comum nos eventos de mesma natureza na universidade. Um dos pontos abordados no debate foi justamente essa estranha calma de Hannah e o quanto ela mostra que a pessoa está prestes a fazer uma tentativa. Alguns meses depois, uma estudante presente no debate me mandou uma mensagem pelo *WhatsApp* comentando que achava que uma amiga estava para tentar se matar porque de repente ela apresentou essa estranha calma. A estudante compartilhou comigo o áudio da amiga e, de fato, ela disse sutilmente que a morte não a



Ryan (estudante que está na fita do episódio 8, por ter publicado um poema intimista de Hannah, sem sua autorização) escreve poesias e diz que Hannah era uma artista, em seu depoimento no tribunal, na 2ª temporada. A advogada da escola faz perguntas sobre o caderno de poemas de Hannah, insinuando que ela tinha uma vida amorosa promíscua. E ao final desse episódio, Ryan diz:

Quer saber por que a Hannah escreveu esses poemas? Ela estava gritando, estava desesperada para ser ouvida, para se conectar. As pessoas pegaram essa narrativa e distorceram ela. Tiraram sua própria história dela mesma e ela lutou para recuperá-la. Mas no final, a história deles foi tão grande que era só o que ela conseguia ouvir. É fácil deixar isso acontecer: se perder e acreditar que ninguém pode acreditar em você e te amar.

A palavra “narrativa” usada na dublagem é traduzida como “corda salva-vidas” na legenda para o português, o que permite chegar mais perto da metáfora usada pelo personagem. É possível uma reflexão que una as duas traduções: fazer poemas, permitir viver a fala pelo caminho da arte, construir uma narrativa das experiências vividas são formas de elaborar uma corda salva-vidas.

Na busca por essa corda, o episódio 13 da 2ª temporada mostra uma lista de porquês feitas por Hannah, encontrada pela mãe dela. Em um lado, os 13 porquês das fitas, do outro, 11 motivos para não se matar. A diferença numérica compõe a imagem da balança que pesou mais para a morte do que para a vida. Nesse sentido, vale a pena refletir junto com Marquetti e Leite (2018, p.160) sobre as buscas que uma pessoa comumente faz antes de decidir se matar:

Antes de uma solução extremada, é comum que os indivíduos recorram a várias estratégias: apoio religioso e espiritual, substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, relações de sociabilidade e afetivas – enfim, em forma de adições. São subterfúgios temporários e provisórios de vazão ou tamponamento para a crise que, notavelmente, não se diferenciam muito de certas técnicas do campo da saúde já citadas, baseada na supressão e na contenção.

Enfim, é possível notar no caminho que Hannah viveu até a decisão pela sua morte que as buscas feitas por ela não lograram a profundidade necessária para significar o sofrimento e permitir a experiência de vínculos ou laços sociais que a mantivessem na vida.

desesperava mais. Foi possível intervir imediatamente junto com a família e a tentativa não foi efetivada. Essa situação nos mostra que informar pode ajudar a prevenir.



4 Algumas reflexões antes de concluirmos

A série “Os 13 porquês” apesar de possibilitar as várias reflexões feitas até aqui, também merece críticas técnicas: erros de continuidade, falta de profundidade psicológica de alguns personagens e outras incoerências. Mas não é nosso objetivo aprofundar esses pontos.

Especificamente em relação à temática do suicídio, vale lembrar que há mais de 20 anos, um manual sobre prevenção do suicídio foi publicado para profissionais da mídia pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2000). A série “Os 13 porquês” não seguiu essas orientações nos seguintes pontos: não colocar o suicídio como algo glorioso ou atribuir culpados e não informar detalhes do método utilizado. Uma orientação cumprida pela série foi a de deixar informações sobre onde pedir ajuda. A cena do suicídio foi retirada dois anos depois pela plataforma Netflix (Revista Galileu, 2019).

Com o objetivo de avaliar o impacto do lançamento da primeira temporada da série Os 13 porquês e o número de suicídios em todos os Estados Unidos, Bridge et al (2019) publicaram um estudo estatístico. A avaliação foi feita pela taxa mensal de suicídio entre pessoas de 10 a 64 anos de idade, divididas em 3 grupos etários: 10 a 17, 18 a 29 e 30 a 64 anos. O período considerado foi de janeiro de 2013 a dezembro de 2017 – o lançamento da 1ª temporada da série foi março de 2017. Ou seja, os/as pesquisadores/as buscaram comparar os dados 4 anos antes e alguns meses depois do lançamento da 1ª temporada. Das 3 faixas etárias, a que teve impacto significativo nos dados de suicídios efetivos foi a de 10 a 17 anos: houve um aumento de 195 mortes a mais, o que significou 28% no aumento da taxa anual. Esse aumento foi maior em meninos do que meninas. Os/as pesquisadores atribuíram isso ao impacto da série nos Estados Unidos (Bridge et al, 2019).

420

Por outro lado, a *Northwestern University* realizou uma pesquisa sobre os impactos da série “Os 13 porquês”, encomendada pela Netflix. Participaram 5 mil adolescentes, jovens e pais de 4 países: Estados Unidos, Nova Zelândia, Austrália e Brasil. Os resultados da pesquisa foram divulgados em um site da universidade em março de 2018 (Northwestern, 2018). Mas não localizamos nenhuma publicação em periódico revisado por pares com base nessa pesquisa.

Segundo o relatório, 58% dos/as adolescentes ficaram mais confortáveis para falar com seus pais sobre os assuntos tratados na série, depois de ambos assistirem a série, ou seja, ela propiciou mais conversas entre pais e adolescentes. Além disso, 60% disseram ter se desculpado com alguém que haviam tratado mal após ver a série, o que foi lido pelos pesquisadores/as que a série ajudou a desenvolver mais empatia. Por outro lado, pais e adolescentes sinalizaram que a série poderia ter possibilitado mais acesso a outros recursos informativos.

Isso significa que se a série possibilitou que o tema fosse mais debatido (e estamos de acordo com isso pela possibilidade de escrita deste ensaio), alguns limites sobre a forma como as



cenar e o roteiro foram construídos podem sim ter servido de gatilho para quem já estava em crise suicida. Novas pesquisas poderiam elucidar melhor os impactos da série.

5 À guisa de conclusão

Sabemos que o suicídio é um acontecimento complexo que envolve uma série de fatores, causas e consequências. É um gesto de comunicação, embora represente também justamente a dificuldade de comunicação.

Em um momento da série, Hannah fala que se sente invisível. Apesar de não se restringir a isso, é possível notar também que o suicídio é uma forma de ganhar visibilidade. E de fato ela passa a ser escutada. É nesse sentido que a série corre o risco de romantizar o suicídio como a possibilidade de mobilizar e obrigar as pessoas a escutar aquilo que não foi possível dizer em vida. Sobre o significado profundo que ato suicida pode ter, estamos de acordo com Hillman (1964/2016, p. 85):

O suicídio é, então, o anseio para uma transformação rápida. Isto não é morte prematura, como poderia dizer a medicina, mas a reação tardia de uma vida entrelaçada que não se transformou à medida que prosseguia. O indivíduo quer morrer imediatamente, e já, porque perdeu sua crise de morte antes. Essa impaciência e intolerância refletem uma alma que não se manteve afinada com a sua vida (...) (destaque do autor).

Essa necessidade de viver a morte, ou seja, as transformações que a vida (ou que a alma, no conceito junguiano) pede cotidianamente pode ser o ponto alto da compreensão do suicídio e da luta para a sua prevenção.

Nesse sentido, para além de buscar “sinais” de uma crise suicida, podemos nos questionar de que modo a construção dos nossos vínculos pode ser feita facilitando a elaboração da dor e do sofrimento, muitas vezes inevitáveis? Alguns suicidologistas, tais como Cassorla (2017), defendem que a prevenção do suicídio começa na infância. Assim, nossa busca pela prevenção não se restringe apenas a ações pontuais, mas uma outra forma de perceber as relações humanas. Finalizamos citando a última frase de Clay na 1ª temporada de “Os 13 porquês”: “*Tem que melhorar a maneira que tratamos uns aos outros e que olhamos uns para os outros*”.



6 Referências

- Antunes, Deborah Christina; Zuin, Antônio Álvaro Soares. (2008). Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), p. 33-41.
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100004>
- Asher, Jay. (2009). *Os 13 porquês*. Ática.
- Benjamin, Walter. (1989). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Brasiliense.
- Botega, Neury José. (2015). *Crise suicida: avaliação e manejo*. Artmed.
- Botega, Neury José. (2018). *A tristeza transforma, a depressão paralisa: um guia para pacientes e familiares*. Benvirá.
- Brasil. (2022). *Ministério da Saúde*. Setembro Amarelo: precisamos falar sobre a saúde mental.
<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quero-me-exercitar/noticias/2022/setembro-amarelo-precisamos-falar-sobre-a-saude-mental>
- Bridge, Jeffrey et al. (2019). Association Between the Release of Netflix's *13 Reasons Why* and Suicide Rates in the United States: An Interrupted Time Series Analysis. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 57(8), p. 547-549.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31042568/>
- Cassorla, Roosevelt Moises Smeke. (2017) *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução*. Editora Edgard Blucher.
- Coutinho, Alberto Henrique Soares de Azeredo. Suicídio e laço social. (2010) *Reverso*, Belo Horizonte, 32(59), p. 61-69.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- De Leo, Diego. (2012). Apresentação In José Manuel Bertolote. *O suicídio e sua prevenção*. Editora Unesp.
- Durkheim, Émile. (2011). *O suicídio: estudo de sociologia*. Martins
- Ferreira, Taiza Ramos de Souza Costa; Deslandes, Suely Ferreira. (2018). Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. *Ciência & saúde coletiva*, 23(10), p. 3369-3379. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.13482018>
- Frankl, Viktor E. (2021). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Vozes.
- Freire, Isabel; Simão, Ana Veiga; Ferreira, Ana. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, 19(2), p. 157-183.
<https://www.redalyc.org/pdf/374/37419208.pdf>
- Fukumitsu, Karina Okajima; Abilio, Carolina; Lima, Caroline Felipe de Silva; Gennari, Débora Matte; Pellegrino, José Perim; Pereira, Tatiane Lucheis. (2015). Posvenção: uma nova perspectiva para o suicídio. *Revista Brasileira de Psicologia*, 2(2), p. 48-60.
https://www.researchgate.net/publication/322792019_Posvencao_uma_nova_perspectiva_para_o_suicidio_Postvention_a_new_perspective_for_a_suicide#full-text
- Goethe, Johann Wolfgang von. (2014). *Os sofrimentos do Jovem Werther*. Martin Claret
- Rev. Psicol Saúde e Debate*. Abr., 2024:10(1): 409-424.



- Grossi, Patrícia Krieger; Santos, Andréia Mendes. (2009). Desvendando o fenômeno do *bullying* nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, 22(2), p. 249-267.
https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8072/2/Desvendando_o_fenomeno_bullying_nas_escolas_publicas_de_Porto_Alegre_RS_Brazil.pdf
- Fuentes, Emilio A.; Carvallo, Pedro Rojas, & Poblete, Sergio Ruiz. (2020). Acoso escolar (bullying) como factor de riesgo de depresión y suicidio. *Revista chilena de pediatría*, 91(3), 432-439.
<https://dx.doi.org/10.32641/rchped.v91i3.1230>
- Hillman, James. (2016). *Suicídio e alma* (1ª edição: 1964). Vozes.
- Jung, Carl Gustav. (1991). *A natureza da psique* (1ª edição: 1946). Vozes.
- Kuczynski, Evelyn. (2014). Suicídio na infância e adolescência. *Psicologia USP*, 25(3), p.246-252.
<https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140005>
- Macedo, Mônica Medeiros Kother; Werlang, Blanca Susana Guevara. (2007). Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. *Ágora*, 10(1), p. 86-106.
<https://doi.org/10.1590/S1516-14982007000100006>
- Marquetti, Fernanda Cristina. (2014). O suicídio e sua essência transgressora. *Psicologia USP*, 25(3), p. 237-245. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140006>
- Marquetti, Fernanda Cristina; Leite, Pedro Morales Tolentino. (2018). Intervenção na crise suicida: silenciar determinantes ou produzir sentidos e ações na ruptura? In: FUKUMITSU, Karina Okajima. *Vida, morte e luto: atualidades brasileiras*. Summus.
- Mayol, Cristina Velarde, Rodriguez, Maria González. (2011). Los adolescentes que sufren acoso escolar tienen más ideas suicidas. *Evidencias en Pediatría*, 7(59).
- Nunes, Sylvia da Silveira; MORAES, Brunno Yan S.; Costa, Breno Rafael; BITTENCOURT, Flávio. (2022). O suicídio na série Os 13 porquês: prevenção ou gatilho. *Revista Ciências Humanas*, v. 15, p. e31.
- Moretto, Maria Livia Tourinho et al. (2017). O suicídio e a morte do narrador. *Psicologia USP*, 28(2), p. 159-164. <https://doi.org/10.1590/0103-656420172802>
- Negreiros, Elayne Ferreira; Gambardella, Viviane Ferreira da Silva; Alencar, Alecrides Marques. Incitação/instigação e indução ao suicídio por meio do jogo digital boneca momo: análise documental. (2021). *Psicologia Argumento*, 39(104), p. 199 - 221.
<https://www.researchgate.net/publication/352802723>
- Northwestern. (2019). *Multinational survey: How teens, parents respond to Netflix show '13 Reasons Why'*. <https://news.northwestern.edu/stories/2018/march/13-reasons-why/>
- Moraes, Brunno Yan S.; Costa, Breno Rafael; Nunes, Sylvia da Silveira. (2022). Opiniões de universitários/as sobre a série "Os 13 porquês": prevenção do suicídio?. *Psicologia Argumento*, v. 40, p. 244.
- OMS. *Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da mídia*. (2020). Genebra: Organização Mundial da Saúde,
http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf



- Peña, Jonh Jairo García; Ortiz, Rosalba María Moncada; Gil, Jessica Quintero. (2013). El *bullying* y el suicídio em el escenario universitário. *Revista Colombiana de Ciencias Sociales*, 4(2), p. 298-310. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5123784>
- Philips, David. (1974). The Influence of Suggestion on Suicide: Substantive and Theoretical Implications of the Werther Effect. *American Sociological Review*. 39(3), pp. 340-354, Jun. <https://www.jstor.org/stable/2094294>
- Revista Galileu. (2019). '13 reasons why: Netflix remove cena do suicídio de Hannah Becker. <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/07/13-reasons-why-netflix-remove-cena-do-suicidio-de-hannah-baker.html>
- Silva, Daniel et al. (2017). Cyberbullying and suicidal ideation: Relationship with mood states and consumption of psychoactive substances. *European Psychiatry*, 41, pp. S400-S401. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0924933817327396>
- Vaz, L. B., & Dias, C. de C. (2019). Um olhar sobre o vazio existencial e o sentido da vida na perspectiva do psiquiatra Viktor e. Frankl. *Psicologia e Saúde em debate*, 5 (Suppl.2), 43–43. <https://psicodebate.dpgsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/570>
- Veloso, Lorena Uchoa Portela et al. (2019). Ideação suicida em universitários da área da saúde: prevalência e fatores associados. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 40. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180144>
- Wendt, Guilherme Welter; Lisboa, Carolina Saraiva de Macedo. (2013). Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do *cyberbullying*. *Psicologia clínica*, 25, (1), p. 73-87. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000100005>
- World Health Organization (WHO). (2019). Suicide: one person dies every 40 seconds. <https://www.who.int/news/item/09-09-2019-suicide-one-person-dies-every-40-seconds>
- Williams, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. (2009). Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39(138). <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000300015>
- Yorkey, Brian (Diretor). (2017). *Os 13 porquês*. Universal Studios.